



Estratégia
CONCURSOS

Aula

Atualidades para Discursiva p/ TRF 1ª Região 2018 (Nível Superior) Pós-Edital

Professor: Leandro Signori, Matheus Signori (Equipe Leandro Signori)

AULA 00 – Política, Sociedade e Relações Internacionais – I

Caro aluno,

É com imenso prazer que nos encontramos no **ESTRATÉGIA CONCURSOS** para esta jornada em busca de um excelente resultado na **prova discursiva** para os cargos de NÍVEL SUPERIOR no concurso do **TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 1ª REGIÃO**.

Sou o **Professor Leandro Signori**, gaúcho de Lajeado. Ingressei no serviço público com 21 anos e já trabalhei nas três esferas da administração pública – municipal, estadual e federal – o que tem sido de grande valia para a minha formação profissional – servidor e docente. Nas Prefeituras de Porto Alegre e São Leopoldo, desenvolvi minhas atividades nas respectivas secretarias municipais de meio ambiente; na administração estadual, fui servidor da Companhia Riograndense de Saneamento (CORSAN), estatal do governo do Rio Grande do Sul.

Durante muitos anos, fui também servidor público federal, atuando como geógrafo no Ministério da Integração Nacional, onde trabalhei com planejamento e desenvolvimento territorial e regional.

Graduei-me em **Geografia – Licenciatura** - pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e – **Bacharel** - pelo UNICEUB em Brasília. A oportunidade de exercer a docência e poder alcançar o conhecimento necessário para a aprovação dos meus alunos me inspira diariamente e me traz grande satisfação. Como professor em cursos preparatórios *on line* e presencial, ministro as disciplinas de Atualidades, Conhecimentos Gerais, Realidade Brasileira e Geografia.

Feita a minha apresentação, agora vamos falar do curso.

De acordo com o edital, o tema da prova discursiva poderá vir dos seguintes conteúdos:

ATUALIDADES: (somente para a prova discursiva): 1 Tópicos atuais no Brasil e no mundo, relativos a economia, política, saúde, sociedade, meio ambiente, desenvolvimento sustentável, educação, energia, ciência e tecnologia.

Com o objetivo de contemplar os conteúdos relacionados, o curso terá sete aulas com a seguinte estrutura:

Aula	Conteúdo Programático
00	Tópicos de Política, Sociedade e Relações Internacionais - I
01	Tópicos de Política, Sociedade e Relações Internacionais - II
02	Tópicos de Economia Internacional
03	Tópicos de Economia Brasileira e Energia
04	Tópicos de Política e Sociedade Brasileira - I
05	Tópicos de Saúde, Educação, Ciência e Tecnologia, Política e Sociedade Brasileira - II
06	Tópicos de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

A distribuição das aulas, neste formato, visa otimizar a amplitude dos conteúdos e sua interconexão em grandes temas.

Muitos concurseiros pensam que para estar preparado para a prova de Atualidades é só acompanhar o noticiário, ler jornais e revistas. Ledo engano! No momento da prova, percebem o quanto estavam errados.

Uma boa preparação na disciplina começa por conhecer o contexto, os conceitos e as vinculações históricas de temas relevantes que conformam o complexo mundo em que vivemos. No nosso curso, vamos trazer estes temas e lhe ensinar nesse enfoque pedagógico.

Atualidades também não é o show do milhão ... 😊 ... em que o candidato tem que saber de tudo, ser uma enciclopédia ambulante. Embora a disciplina seja vasta, há um grupo de assuntos que comumente são cobrados nas provas.

— E o que fazemos no curso?

— Ora! Com a experiência que temos, selecionamos os assuntos contextuais e factuais que as bancas gostam de cobrar na prova.

Dessa forma, **ao final do curso, você terá o suporte intelectual necessário para alcançar um excelente desempenho em Atualidades, na hora da prova.**

Quem quiser também pode me seguir no Facebook curtindo a minha *fan page*. Nela divulgo gabaritos extraoficiais de provas, publico artigos, compartilho notícias e informações importantes do mundo atual. Segue o link: <https://www.facebook.com/leandrosignoriatualidades>.

Sem mais delongas, vamos aos estudos, porque o nosso objetivo é que você tenha um excelente desempenho em Atualidades.

Para isso, além de estudar, você não pode ficar com nenhuma dúvida. Portanto, não as deixe para depois. Surgindo a dúvida, não hesite em contatar-me no nosso Fórum.

Estou aqui neste curso, muito motivado, caminhando junto com você, procurando passar o melhor conhecimento para a sua aprendizagem e sempre à disposição no Fórum de Dúvidas.

Ótimos estudos e fiquem com Deus!

Forte Abraço,

Professor Leandro Signori

“Tudo posso naquele que me fortalece.”

(Filipenses 4:13)

Sumário	Página
1. O estilo do Cespe	04
2. Islamismo, Mundo Árabe e Oriente Médio	08
2.1 Instabilidade Política e Conflitos Bélicos	10
2.2 Curdistão	14
2.3 Fundamentalismo Islâmico	15
2.4 A questão da Palestina	19
2.5 Turquia	23
3. O Terrorismo	24
4. O crime organizado	26
5. Veja como foi cobrado em prova	28

1. O estilo do Cespe

As questões discursivas do Cespe tratam de temas relevantes e atuais do Brasil e do mundo. Não tem mistério. Via de regra a banca não deriva para temas com uma certa complexidade filosófica e sociológica.

Em uma prova do Cespe é fundamental que o candidato deixe de lado os radicalismos de qualquer ideologia e busque compreender a linha de pensamento do examinador e responda a partir do que costumo chamar da visão “cespiana” do Brasil e do mundo.

A prova discursiva se inicia com um texto motivador, um fragmento teórico de uma notícia publicada na imprensa. Na sequência, a banca vai dizer que o fragmento do texto tem caráter unicamente motivador e solicitar que o candidato redija um texto acerca do tema proposto.

A seguir, vai relacionar os aspectos que devem ser abordados na dissertação do tema. Poderão ser aspectos em que o candidato descreva um contexto, exponha o seu conhecimento sobre determinado assunto ou que além disso, o candidato apresente um caminho, uma alternativa de solução, que pode ser coletiva ou individual.

No decorrer do curso, além de expor teoricamente temas da atualidade, vou trazer provas de concursos anteriores e o padrão definitivo de resposta, com os meus comentários, onde vou mostrando estas características da banca.

Como o nome já diz, o padrão definitivo de resposta é o que a banca esperava que o candidato escrevesse na redação. Leia-os atentamente, pois são valiosíssimos subsídios para a sua preparação para a prova discursiva.

Gosto também de mencionar o que chamo de regra de ouro das discursivas de Atualidades do Cespe. Veja a seguir:



REGRA DE OURO DAS DISCURSIVAS DO CESPE:

A sua redação não poderá ser contrária aos seguintes tópicos:

- **Respeito aos direitos humanos;**
- **Democracia e participação da sociedade;**
- **Estado de direito; e**
- **Desenvolvimento sustentável.**

Por consequência, quando se aplicarem, os tópicos acima são referências para o desenvolvimento de bons argumentos sobre aspectos a serem dissertados na prova.

No decorrer do curso, vamos falando de cada um deles.

SEGREDOS DA BANCA CESPE

Assim que receber a prova, vá direto à questão discursiva para verificar qual assunto será exigido e se você terá facilidade ou não. Com isso, fica mais fácil calcular o tempo que você terá de reservar à questão. Deixe a discursiva por último e, enquanto faz a prova objetiva, pode ir pensando no assunto. Além disso, quem sabe alguma questão objetiva já não fornece uma dica para a discursiva? Pode acontecer!

Nas provas discursivas da Cespe, a questão costuma ter um texto de referência. Logo abaixo do texto, no final do enunciado, estarão as perguntas que serão o roteiro da sua resposta.

(...)

O QUE É UMA DISSERTAÇÃO

Dissertar significa “falar sobre”, caracterizando-se pela defesa de uma ideia, de um ponto de vista ou pelo questionamento acerca de um determinado assunto.

Para elaborar um bom texto dissertativo, o candidato deve, antes de começar a escrever, planejá-lo cuidadosamente. O planejamento da dissertação deve seguir rigorosamente os seguintes aspectos:

- 1) Ler atentamente o tema;
- 2) Rer o tema, anotando as palavras-chave (palavra que encerra o significado global de um contexto, ou que explicita e o identifica);
- 3) Interpretar o tema denotativamente: definir o sentido do tema, ou seja, alcançar com inteligência a intenção do autor, partindo das palavras-chave, elaborando perguntas relacionadas ao tema;
- 4) Interpretar, se necessário, conotativamente o tema: compreender o significado das palavras usadas em sentido figurado;
- 5) Delimitar a ideia apresentada: reestruturar o tema com suas próprias palavras, de acordo com a interpretação feita anteriormente.

CUIDADO COM O TEXTO DE REFERÊNCIA!

O uso do texto de referência é muito comum em provas discursivas da banca Cespe.

Na maioria dos casos, ela coloca um pequeno texto de referência sobre algum assunto e depois diz que ele é apenas motivador e pede para dissertar sobre algum ponto de tal tema. O candidato, ao invés de focar no tema proposto pela banca, fica preso ao texto de referência, esquecendo-se de falar objetivamente sobre o que foi pedido, que é o principal, ou seja, é a única

pergunta da questão. Lembre-se: **o texto de referência é apenas motivador** (grifo nosso).

SIGA O ROTEIRO

As perguntas logo ao final do texto são o roteiro para formular a sua resposta. Construa o seu texto limitando-se apenas ao que foi perguntado! Responda as perguntas na ordem para facilitar o trabalho do examinador!

Use um parágrafo por tópico! Não deixe de responder nenhuma pergunta. Cada tópico exigido equivale a uma pontuação. Portanto, tente maximizar os seus pontos.

COMO DESENVOLVER A SUA RESPOSTA?

Nas provas discursivas da banca, geralmente não há necessidade de inserir introdução, desenvolvimento e conclusão, especialmente quando há diversos itens a serem respondidos. Vá direto ao ponto!

Como dissemos, as perguntas localizadas no final do texto motivador são o roteiro da sua resposta. Use um parágrafo para cada tópico e responda na ordem.

Uma dica é desenvolver assim:

Em relação ao primeiro aspecto...

No que se refere ao segundo aspecto...

Por fim, em relação ao terceiro aspecto...

Ou assim:

Em relação ao primeiro item...

No que concerne ao segundo item...

Por fim, em relação ao terceiro item...

Ou até mesmo assim:

Em relação ao primeiro aspecto apresentado...

Quanto ao segundo aspecto...

Por fim, quanto ao terceiro aspecto...

Assim também:

Em relação ao primeiro tópico proposto...

Quanto ao segundo aspecto...

Relativamente ao terceiro ponto...

Fonte: Duarte e Blajchman, Gabaritando a prova discursiva – Atualidades Banca Cespe, 2016. Editora Questões Discursivas.

Caros alunos, na sequência vamos estudar os temas propostos para esta aula.

2. Islamismo, Mundo Árabe e Oriente Médio

Ao lado do Cristianismo e do Judaísmo, o Islamismo é uma das três grandes religiões monoteístas, ou seja, que acreditam na existência de um único Deus. A palavra Islã significa “submeter-se” e exprime a obediência à lei e à vontade de **Alá** (Allah, Deus em árabe). O livro sagrado do Islamismo é o **Alcorão**, que consiste na coletânea das revelações divinas recebidas por Maomé de 610 a 632. Os seguidores da religião são conhecidos como **muçulmanos**. Atualmente, o Islã é a religião que mais se expande no mundo, está presente em mais de 80 países e compreende mais de um bilhão de fiéis.

Após a morte do profeta Maomé, em 632, criou-se a figura do **califa**, ou seja, o líder da comunidade muçulmana no mundo. A divisão do Islã entre **sunitas** e **xiitas** remonta ao século VII e tem origem na disputa sobre a sucessão do profeta. Os sunitas defendem que o chefe do Estado muçulmano (califa) deve reunir virtudes como honra, respeito pelas leis e capacidade de trabalho, porém não acham que ele deve ser infalível ou impecável em suas ações. Os xiitas defendem que a chefia do Estado muçulmano só pode ser ocupada por alguém que seja descendente da linhagem familiar do profeta Maomé ou que possua algum vínculo de parentesco com ele. Afirmam que o chefe da comunidade islâmica, o imã, é diretamente inspirado por Alá, sendo,

por isso, um ser infalível. O quarto califa foi Ali, primo do profeta Maomé e casado com sua filha, Fátima. Ali foi assassinado.

Os sunitas são a grande maioria, mais de 80% dos muçulmanos no mundo. Os xiitas são maioria apenas no Irã, Iraque e Azerbaijão; nos dois primeiros os presidentes são dessa ramificação. Os **alauítas** são uma variação moderada dos xiitas, presentes sobretudo na Síria, tendo o presidente Bashar al-Assad como um dos seus seguidores.

O grupo guerrilheiro Hezbollah é de orientação xiita. Já os grupos Hamas e Al-Qaeda são sunitas. O Estado Islâmico (EI) também é sunita e luta pelo retorno do califado islâmico. O último califado foi o Império Otomano, abolido pelo nacionalista e secular líder turco Mustafa Kemal Atatürk em 1924.

O califado é uma forma de governo centrada na figura do califa, que seria um sucessor da autoridade política do profeta Maomé, com atribuições de chefe de Estado e líder político do mundo islâmico.

Mundo Árabe e Oriente Médio

A civilização árabe tem origem na península Arábica. No século VII, as tribos da região unificaram-se em torno da língua árabe e do Islamismo. A partir da unificação, os árabes formaram um vasto império que se expandiu até a Índia, o norte da África e a península Ibérica, com apogeu em 750 d.C. O mundo árabe ocupa a área que vai do oceano Atlântico ao golfo Pérsico, abrangendo o norte da África e boa parte do Oriente Médio (veja no mapa abaixo).

Os contornos dos atuais países existentes no mundo árabe são, até certo ponto, arbitrários e resultam do domínio das potências estrangeiras sobre a região no início do século XX. Com fortes interesses no controle das grandes reservas de petróleo, governos estrangeiros negociaram a independência de suas colônias ou áreas sob seu controle para que fossem governadas por aliados ou colaboradores.

O Oriente Médio não deve ser confundido com o mundo árabe. É uma região que faz parte da Ásia, tem muito petróleo e pouca água. Integra Irã e Turquia, com populações islâmicas não árabes, e Israel, país judeu. Os curdos habitam vários países do Oriente Médio, região onde também vivem várias minorias, como os assírios e caldeus.

Historicamente, Irã e Arábia Saudita disputam hegemonia e influência no Oriente Médio e no Islamismo. Possuem diferenças étnicas e religiosas: os iranianos são persas e muçulmanos xiitas, os árabes são sunitas. Essas diferenças fazem com que apoiem governos e grupos armados de acordo com a

orientação religiosa de cada país. Como exemplo, temos a Síria, onde o Irã apoia o governo do xiita Assad e a Arábia Saudita apoia grupos rebeldes sunitas.

Em 2011, o mundo árabe se viu diante de uma série de revoltas populares, que ficaram conhecidas como **Primavera Árabe**, em alusão à Primavera de Praga. Na origem das revoltas estava o agravamento da situação dos países, provocado pela crise econômica e pela falta de democracia.

O palco dos conflitos foi a África do Norte e o Oriente Médio, região formada por países de maioria árabe e muçulmana. As revoltas ocorreram em países com regimes autoritários e tiveram como resultado a deposição dos ditadores da **Tunísia, Egito, Líbia e Iêmen**. Na **Síria**, a revolta se transformou em uma sangrenta **guerra civil**.

2.1 A guerra civil na Síria

A guerra civil na Síria completou seis anos, em março de 2017. O conflito começou como um levante pacífico contra o presidente Bashar al Assad. Em março de 2011, um grupo de adolescentes foi preso pela polícia por fazer pichações com críticas ao governo no muro de uma escola em Deera.

O episódio estimulou centenas de pessoas a sair às ruas para reivindicar mais liberdade, em uma ação inspirada pela Primavera Árabe. Na Síria, o alvo dos protestos era o regime da família Assad, que governa o país com mão de ferro desde que o general Hafez al-Assad assumira o poder através de um golpe em 1970.

No entanto, desde a década de 1960, a Síria encontra-se sob estado de emergência, o que significa que as garantias constitucionais que protegem a população estão suspensas. Com a ascensão Bashar al-Assad em julho de 2000, após a morte do pai, o cenário não mudou muito. A precária situação dos direitos humanos, a corrupção governamental e o elevado desemprego somaram-se a esse caldo de insatisfação.

As primeiras manifestações populares foram duramente reprimidas pelo aparato de segurança do regime, que, em várias ocasiões, não hesitou em abrir fogo contra a multidão. Dezenas de manifestantes morreram nos protestos. A partir daí, foi uma bola de neve: centenas de milhares de pessoas protestaram em todo o país exigindo a saída de Assad. Mais uma vez, o governo sufocou as divergências com violência.

Civis opositores e soldados desertores se organizaram em diversos grupos armados com o objetivo de se defender. Em pouco tempo, as brigadas rebeldes passaram a lutar contra as forças de segurança pelo domínio de seus territórios. Em agosto de 2011, surge o Exército Livre da Síria (ELS), dirigido pela oposição moderada, que iniciou os combates contra as forças de Assad. Tinha início, assim, a guerra civil que engolfou o país e, em pouco tempo, iria desestabilizar o Oriente Médio, com reflexos em todo o planeta.

Com o tempo, a disputa adquiriu contornos sectários, opondo muçulmanos sunitas (maioria da população síria) a alauítas, ramo do islamismo xiita ao qual pertence Assad. O caráter religioso do confronto arrastou potências regionais para ele, dando-lhe uma nova dimensão. A disputa rapidamente ganhou escala e adquiriu a complexa feição atual.

Confira a seguir as principais forças participantes do conflito:

Governo Sírio - De um lado está o regime sírio, liderado pelo ditador Bashar al-Assad, que luta para se manter no poder. Desde 1970, quando seu pai deu um golpe de Estado, a família Assad comanda no país um regime brutal de partido único, o Baath. Apesar de serem alauítas, os Assad mantêm um regime laico, que separa a religião do Estado. As minorias cristãs e alauítas e parte da elite sunita apoiam Assad.

Grupos Rebeldes - Os sunitas foram uma das primeiras forças a se alinhar contra o regime. Eles se dividem em dezenas de grupos, com agendas distintas, mas com um objetivo em comum: depor Assad e ocupar o poder. Entre os chamados “rebeldes moderados”, que recebem esse nome por não serem adeptos do radicalismo islâmico, a maior expressão é o Exército Livre da Síria (ELS).

Extremistas Islâmicos - Além dos “rebeldes moderados”, jihadistas fragmentados em várias facções também querem derrubar Assad. Os principais grupos são o Estado Islâmico (EI) e a Fatah Al-Sham (ex-braço sírio da Al Qaeda). Além de combater as tropas do regime de Assad, os extremistas islâmicos também se opõem aos “rebeldes moderados”.

Curdos - Esse povo é uma etnia apátrida (sem Estado e território próprios). Eles vivem em diversos países, inclusive na Síria, e reivindicam a criação de um Estado para o seu povo – o Curdistão. Desde o início do conflito na Síria, uma milícia chamada Unidade de Proteção do Povo (YPG) foi formada para defender as regiões habitadas pelos curdos no norte do país e se fortaleceu tanto que hoje tomou conta de um grande território perto da fronteira turca.

Para o regime de Assad, tornaram-se bastante úteis, porque a milícia se opõe tanto aos rebeldes moderados como aos extremistas do Estado Islâmico. São apoiados pelos Estados Unidos na sua luta contra o Estado Islâmico, mas não no pleito de criação do seu país. A Turquia se opõe aos curdos pelo temor de que a criação de um Curdistão independente na Síria fortaleça o movimento separatista do Curdistão turco.

A intervenção estrangeira

Além das forças internas envolvidas no conflito, a Guerra da Síria se transformou em um intrincado tabuleiro geopolítico, a partir do envolvimento de outras nações. Mas nem sempre é claro perceber qual é o interesse de cada uma das potências envolvidas.

O governo da Síria é apoiado pela Rússia, pelo Irã e pelo grupo xiita libanês Hezbollah. A Rússia é uma aliada histórica da Síria, a quem sempre prestou apoio diplomático e militar. A única instalação militar russa no Mediterrâneo é a base naval de Tartus, no litoral sírio. E os russos não querem correr o risco de perdê-la caso Assad seja aliado do poder.

Além disso, a Rússia quer reconquistar um papel relevante no Oriente Médio e voltar a ser encarada como uma superpotência global, recuperando o protagonismo perdido após a dissolução da União Soviética. Vencer a guerra ao lado de Assad pode ajudar nesse objetivo.

O Irã é o principal aliado de Assad, no Oriente Médio e tradicional adversário da Arábia Saudita e Israel. A ele se soma a milícia libanesa **Hezbollah** – financiada pelo regime de Teerã. Ambos são xiitas e se opõem historicamente aos EUA e a Israel. Ao Irã interessa ter um aliado em Damasco que lhe facilite acesso ao Líbano, base dos guerrilheiros do Hezbollah, e ao Mar Mediterrâneo, local estratégico do ponto de vista comercial e militar.

A Arábia Saudita, nação muçulmana de maioria sunita, é uma forte opositora do regime sírio. O motivo é simples: Assad é apoiado pelo Irã, rival histórico dos sauditas na região. Os sauditas, aliados históricos dos EUA, temem que a permanência de Assad no poder fortaleça a influência do Irã na Síria e no Líbano.

Os **EUA** e **as potências europeias** se posicionam contra Assad. No entanto, a prioridade dos norte-americanos é derrotar os terroristas do EI. Com esse objetivo lançaram uma ofensiva aérea para bombardear as bases da organização em 2014 e também armam os insurgentes “moderados”, como o ELS e os curdos.

Antes do conflito, a **Turquia** que era aliada de Assad, agora trabalha pela queda do ditador. O regime turco apoia tanto os rebeldes sunitas moderados como os mais radicais, ligados à Al Qaeda. No início da guerra, até facilitou a entrada de extremistas islâmicos na Síria para combater as forças de Assad. Hoje, a principal preocupação dos turcos é o avanço do EI, que tem realizado atentados terroristas em cidades turcas. Além disso, a consolidação do poder dos curdos do YPG no norte da Síria pode fortalecer as posições curdas na própria Turquia, onde o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) reivindica a autonomia da região curda do país.

Por que a guerra está durando tanto?

Um fator chave para a longevidade da guerra, é justamente a intervenção de potências regionais e internacionais. O apoio militar, financeiro e político tanto para o governo quanto para a oposição tem contribuído diretamente para a continuidade e intensificação dos enfrentamentos, e transformado a Síria em campo para uma guerra indireta.

A intervenção externa também é responsabilizada por fomentar o sectarismo no que costumava ser um Estado até então secular (imparcial em relação às questões religiosas). As divisões entre a maioria sunita e a minoria alauita no poder alimentou atrocidades de ambas as partes, não apenas causando a perda de vidas, mas a destruição de comunidades, afastando a esperança de uma solução pacífica.

Tragédia humanitária

O enviado da ONU para a Síria, Steffan de Mistura, estimou que a guerra já matou mais de 400 mil pessoas. Para a organização Observatório Sírio de Direitos Humanos, sediado em Londres, a cifra de mortos passa de 465 mil. Já o Centro Sírio para Pesquisa de Políticas, outro grupo de estudos, calcula que o conflito já tenha causado a morte de mais de 470 mil pessoas.

A ONU também considera o conflito como a maior “a maior crise humanitária do século XXI”. Por causa da guerra, mais de mais de 5 milhões de pessoas tiveram que fugir do país - a maioria mulheres e crianças. São os **refugiados**. Além deles, outros 6,5 milhões foram deslocados pelo interior da Síria. O total de 11,5 milhões de pessoas forçadas a sair de suas casas equivale à metade da população do país. Os refugiados foram principalmente para a Turquia, o Líbano e a Jordânia. Cerca de 10% deles buscaram refúgio na Europa, provocando divisões entre os países do bloco europeu sobre como dividir essas responsabilidades.

Por volta de 1,7 milhão de crianças não vão à escola e dois terços da população não têm acesso a água potável. A falta de perspectivas para o fim do conflito deve prolongar ainda mais o sofrimento do povo sírio, como um atestado da incapacidade da comunidade internacional em estancar essa tragédia humanitária. A destruição pelo país é generalizada.

2.2 Curdistão

Nos combates contra o Estado Islâmico, no Iraque e na Síria, destaca-se a ação dos guerreiros curdos iraquianos (chamados de peshmerga) e sírios. O Estado Islâmico persegue os curdos e a minoria yazidi, que pratica uma religião própria. O enfrentamento direto com os jihadistas do EI tem passado em boa medida pela atuação das forças curdas, armadas pelos aliados ocidentais, que dão combate terrestre ao grupo extremista, apoiando, dessa forma, os bombardeios aéreos comandados pelos EUA.

Esse papel de destaque leva analistas a especularem se uma das consequências dos conflitos atuais não seria a ampliação da autonomia dos curdos dentro do Iraque ou até mesmo a formação, num prazo ainda indefinido, de um novo país, o Curdistão, reunindo os curdos que vivem espalhados pela região.

Maior etnia sem Estado no mundo, com 26 milhões de pessoas, os curdos habitam uma área contínua que abrange territórios da Turquia, do Iraque, da Síria, do Irã, da Armênia e do Azerbaijão (veja mapa a seguir). O projeto de um Estado curdo ganhou força no final do século XX, sobretudo na Turquia e no Iraque, países nos quais o movimento foi violentamente reprimido.

O principal grupo separatista curdo atuante na Turquia, o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), desenvolvia a luta armada contra o Estado turco, mas negocia há anos um acordo com o governo central. Em 2013, o partido declarou um cessar-fogo. Contudo, em julho de 2015, o governo da Turquia começou a atacar redutos do PKK no Curdistão iraquiano, próximo à fronteira turca. O PKK reagiu e as hostilidades têm se sucedido de lado a lado.

Embora sejam muçulmanos sunitas, os curdos não são islamitas conservadores. As mulheres têm mais liberdade, são mais respeitadas. Muitas estão nas fileiras da milícia curda síria YPG, lutando contra o Estado Islâmico.



Fonte: Dictionnaire de Geopolitique

2.3 Fundamentalismo Islâmico

Ainda que o fundamentalismo esteja atualmente muito associado aos islâmicos, grupos fundamentalistas existem em todas as religiões. Os agrupamentos políticos fundamentalistas buscam impor seus dogmas religiosos como base da organização do Estado e da sociedade. É uma posição obscurantista, que recusa a democracia e se opõe à perspectiva secular adotada desde a Revolução Francesa (1789), quando os negócios de Estado se separaram das convicções religiosas.

A enorme maioria dos adeptos da religião islâmica é constituída por pessoas comuns que professam uma crença religiosa. Por isso, é um erro grave, que tem origem em preconceito religioso ou social, associar grupos terroristas que dizem agir em nome do Islamismo com os hábitos e crenças das populações muçulmanas em geral.

O fundamentalismo islâmico é contrário ao Estado democrático e laico, e sua perspectiva é a do Estado teocrático, como no Irã, onde o chefe do Estado é o líder religioso supremo, o aiatolá. Defendem a implantação da **Sharia** – o conjunto de leis e códigos de conduta extraídos do livro sagrado, o **Alcorão**, e da **Suna** (obra que narra a vida e os caminhos de Maomé), como lei, rejeitando o princípio da separação entre religião e Estado.

O fundamentalismo islâmico é a fonte inspiradora de vários grupos armados do mundo islâmico, que lutam pela tomada do poder nos países em que atuam. Os mais conhecidos são a Al-Qaeda, o Estado Islâmico e o Boko Haram.

Al-Qaeda

O saudita Osama bin Laden fundou a Al-Qaeda em 1988, no Afeganistão, quando lutava ao lado dos guerrilheiros islâmicos (mujahedin) contra a ocupação soviética, com equipamentos e recursos vindos das potências ocidentais. Mas após a Guerra do Golfo, em 1990, quando tropas lideradas pelos EUA atacam o Iraque, a jihad (guerra santa) da Al-Qaeda passa a ter como inimigo o Ocidente, em especial os Estados Unidos, por causa da crescente presença militar no Oriente Médio.

Nos anos de 1990, Bin Laden foi responsabilizado por vários ataques a alvos norte-americanos, até realizar o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, contra os EUA. Então, Bin Laden ganhou fama mundial. Vários grupos anunciaram sua ligação com a Al-Qaeda, o que permitiu ao grupo expandir seu alcance para se tornar uma rede terrorista com ramificações internacionais.

Na última década, porém, a Al-Qaeda Central (AQC), no Afeganistão e Paquistão, foi duramente atingida pelas ações militares dos EUA. O trabalho de espionagem e os ataques com drones mataram seus líderes e reduziram sua capacidade de ação e comunicação com as “filiais”. A morte de Bin Laden por uma equipe da Marinha dos EUA, em 2011, enfraqueceu o grupo.



Em 2017, os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 completaram dezesseis anos. Naquele dia, 19 terroristas da Al-Qaeda sequestraram quatro aviões nos Estados Unidos. Dois foram lançados contra as torres Norte e Sul do World Trade Center, em Nova Iorque. Um terceiro avião foi lançado contra o Pentágono, sede do Departamento de Defesa dos EUA, em Washington. O quarto avião caiu em um campo vazio na Pensilvânia. Horas depois da colisão, as duas torres desabaram. Quase três mil pessoas morreram nos ataques terroristas.

Após os atentados, os Estados Unidos promoveram uma caçada a Osama Bin Laden e iniciaram a chamada “guerra ao terror”. Primeiro lideraram uma coalizão que invadiu o Afeganistão, na época governado pela milícia Taleban (ou

Talibã), de orientação islâmica radical. Os EUA acusaram o Taleban de dar proteção a Bin Laden, que estaria escondido no país. A milícia foi deposta, mas Bin Laden não foi encontrado. O terrorista foi caçado por uma década, até ter seu esconderijo descoberto em 2011, no Paquistão, quando foi morto por comandos especiais da Marinha dos Estados Unidos.

Em 2003, com o apoio do Reino Unido, os EUA invadem o Iraque, sob a acusação de que o ditador Saddam Hussein possuía armas de destruição em massa e ligações com a Al-Qaeda. Saddam foi deposto e as tais armas de destruição em massa não foram encontradas, indicando que o regime do ditador não as tinha.

Foi no Iraque ocupado pelos invasores, devastado pela guerra e sem liderança política, que surgiu a Al-Qaeda no Iraque, para lutar contra a ocupação estrangeira. O grupo foi a origem do atual Estado Islâmico.

Estado Islâmico

A origem do Estado Islâmico está na invasão do Iraque pelos Estados Unidos em 2003. Naquele ano, foi fundada a “Al Qaeda no Iraque”, para lutar contra a invasão norte-americana no país.

O grupo espalhou o terror contra as forças de ocupação e os xiitas, até ser praticamente aniquilado após a morte de seu comandante, Abu Musab al-Zarqawi, em 2006. Rebatizado Estado Islâmico do Iraque (EII), o grupo renasce a partir de 2010 sob um novo líder, Abu Bakr al-Baghdadi.

O vácuo de segurança criado pela retirada militar dos EUA, o clima de revolta dos sunitas com o governo pró-xiita do Iraque e o caos da guerra civil síria criaram condições para que o EI prosperasse. Ao expandir as atividades para a Síria, onde infiltrou militantes para abocanhar dinheiro e armas, recrutar guerrilheiros e instalar bases, em 2013, o grupo muda o nome para Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIIL). E, após dominar territórios no norte da Síria e do Iraque, o grupo anuncia a criação de um Califado, em junho de 2014, autodenominando-se Estado Islâmico (EI).

O Califado é uma referência aos antigos impérios islâmicos surgidos após a morte de Maomé, que seguiam rigorosamente a *Sharia*, a lei islâmica – dos quais o mais notório é o Império Árabe. O califa, considerado sucessor do profeta, é a autoridade política e religiosa máxima. Al-Baghdadi foi proclamado o califa do EI.

O grupo se expandiu conquistando territórios no Iraque e na Síria, consolidando-se como a mais poderosa organização extremista islâmica em atividade.

Nas áreas que conquista, o EI rapidamente assume o controle sobre bases militares, bancos, hidrelétricas e campos de petróleo e instaura um governo próprio, com ministérios, cortes islâmicas e aparato de segurança. A cobrança de taxas e impostos, junto com a venda ilegal de petróleo, os sequestros e as extorsões, garantem ao grupo recursos para se autofinanciar.

No plano social, o código moral é severo. Um traço marcante do EI é o emprego de táticas tão bárbaras que até a Al-Qaeda o renegou. São execuções em massa, às vezes contra comunidades inteiras, e mortes coletivas por crucificação, decapitação e enforcamento. Além de ser uma estratégia de guerra, visando submeter populações locais pelo terror, a violência indiscriminada, também direcionada aos “infiéis” (minorias étnicas e religiosas e ocidentais), é uma mensagem poderosa para atrair muçulmanos desiludidos de todas as partes do mundo, inclusive do Ocidente, que passaram a lutar em suas fileiras e aniquilar inimigos do islã com a promessa da salvação.

Mais de 30 grupos jihadistas de vários países da África e Ásia juraram lealdade ao autoproclamado califa do Estado Islâmico. Esses grupos têm cometido uma série de atentados terroristas, principalmente na Líbia, na Tunísia, no Egito, no Iêmen e no Afeganistão.

O Estado Islâmico também se notabilizou pela destruição de esculturas, monumentos, palácios e templos do patrimônio cultural e arqueológico de cidades históricas do Iraque e da Síria, nas áreas conquistadas. O EI justifica a destruição dizendo que as obras cultuam outras divindades e por isso são demoníacas, ferindo, portanto, os princípios do Islã.

O EI é bastante ativo na internet. Utiliza intensamente a web para divulgar suas atividades, recrutar novos combatentes e invadir sites de organizações governamentais e privadas.

Como vimos, o Estado Islâmico conquistou vastas áreas territoriais no Iraque e na Síria. No entanto, no momento, no terreno militar está na defensiva, ante a ofensiva que sofre nesses dois países. O grupo já perdeu a maior parte do território que controlava no Iraque e na Síria.

No Iraque é atacado pelo exército iraquiano, por milícias xiitas, pelos curdos e pela coalizão de países liderados pelos EUA. Na Síria, é atacado pelas forças do governo e por aliados russos e iranianos, pelos curdos, por outros grupos locais e pela coalizão de países liderada pelos EUA.

Na medida em que perde território, o Estado Islâmico tem realizado brutais atentados terroristas em vários países do mundo. Podemos citar os atentados terroristas em Paris, em janeiro e novembro de 2015; em Bruxelas, em março de 2016; em Nice (França), em julho de 2016; em Londres, em maio de 2017;

no Iraque, em Bangladesh, na Turquia, na Alemanha, na Tunísia, na Síria e em outros países.

Vários ataques terroristas têm sido cometidos pelos chamados “lobos solitários”, nome dado a jihadistas que, autonomamente, perpetram atentados individuais, menos letais, mas mais difíceis de serem detectados pelas forças de segurança.

2.4 A questão da Palestina

A região da Palestina foi ocupada e conquistada por muitos povos, entre eles os judeus. No século VI a.C., o povo judeu iniciou sua primeira dispersão pelo mundo, mas seu projeto de possuir um território só se concretizou após a Segunda Guerra Mundial.

O Estado de Israel tem sua origem no sionismo (de Sion, colina da antiga Jerusalém), movimento surgido na Europa no século XIX, com objetivo de criar uma pátria para o povo judeu. Colonos judeus da Europa Central e Oriental, onde o antissemitismo (discriminação contra os judeus) era mais intenso, instalaram-se na Palestina, que tinha então população majoritariamente árabe.

O apoio internacional à criação de um Estado judaico aumentou depois da II Guerra Mundial, ao ser revelado o genocídio de cerca de 6 milhões de judeus nos campos de extermínio nazistas, o Holocausto. Em 1947, a Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou a partilha da Palestina em dois Estados – um para os judeus, com 53% do território, outro para os árabes, com 47%. A cidade de Jerusalém permaneceria sob administração internacional. Estes últimos rejeitaram o plano.

O ESTADO DE ISRAEL E A PALESTINA



Fonte: FERREIRA, Graça M. L. *Atlas geográfico: espaço mundial*. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2013. p. 103.

Em 14 de maio de 1948, foi criado o Estado de Israel. Imediatamente, cinco países árabes – Egito, Síria, Transjordânia (atual Jordânia), Iraque e Líbano – enviaram tropas para impedir sua fundação. Com o respaldo dos Estados Unidos (EUA) e da União Soviética, Israel conseguiu derrotar esses exércitos, e a guerra se encerrou com um armistício assinado em janeiro de 1949.

O novo Estado ampliou seus domínios em relação às fronteiras originais aprovadas pela ONU. Com a vitória, Israel passou a ocupar 75% da Palestina, e mais de 700 mil árabes palestinos foram expulsos. Esses acontecimentos são lembrados até hoje por eles como a *nakba*, palavra árabe que significa “catástrofe”.

Ao fim da guerra, além da expansão de Israel, o Egito havia ocupado a Faixa de Gaza e a Transjordânia anexara Jerusalém Oriental e Cisjordânia (o nome do país passou a ser Jordânia). Com isso, os palestinos ficaram sem território, tornando-se refugiados na Cisjordânia, na Faixa de Gaza e nos países árabes vizinhos, ou migrando para longe.

Em 1967, diante da aliança militar entre Egito, Síria e Jordânia, Israel, fortemente armado pelos EUA, atacou os três países na Guerra dos Seis Dias. Passou então a controlar a Cisjordânia e Jerusalém Oriental, a Faixa de Gaza e

a Península do Sinai (que seria devolvida ao Egito em 1982), além das Colinas de Golã, território da Síria ocupado até hoje.

A população árabe-palestina passou a lutar pela configuração de novas fronteiras e pelo reconhecimento de um Estado palestino independente. Em 1964, exilados no Líbano fundaram a Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Em 1988, proclamaram seu Estado com o nome de Autoridade Nacional Palestina (ANP).

Depois de muitas guerras e duas intifadas (rebeliões palestinas), os acordos de paz assinados entre os países afirmaram a autonomia dos palestinos na Faixa de Gaza e em parte da Cisjordânia.

Os Acordos de Oslo (1993-1995), assinados entre palestinos e israelenses, com mediação dos EUA, traçaram a meta de dois Estados: um judeu (Israel) e um palestino, formado pela Faixa de Gaza e pela Cisjordânia, ambas ocupadas pelos israelenses em 1967. Definiram ainda a criação da Autoridade Nacional Palestina (ANP), como embrião do futuro Estado.

Apesar de ter sido considerado ilegal pela Assembleia Geral da ONU, em 2007, **Israel concluiu a construção de um muro na Cisjordânia com mais de 9 metros de altura, controlando a entrada de não judeus em território israelense**. Esse paredão restringe o direito de ir e vir, anexa áreas palestinas a Israel e impede a circulação normal de pessoas na cidade de Jerusalém.

Em consequência, o Estado palestino independente ainda não se concretizou e os palestinos estão separados, de Israel e entre si, em 21 enclaves. Essa situação perturbou todas as atividades econômicas, pois decorridos mais de 60 anos, os territórios palestinos ocupados apresentam grande deterioração econômica e baixa qualidade de vida.

Atualmente, os palestinos do Hamas (grupo mais radical de origem guerrilheira, fortemente hostil a Israel) controlam a faixa de Gaza, enquanto a Autoridade Palestina (menos refratária ao Ocidente e a acordos de paz com Israel) domina partes da Cisjordânia, entre elas a cidade de Belém.

Nos últimos 20 anos, essa perspectiva geral dos “dois Estados” é a que tem guiado as negociações de paz. Na prática, porém, não houve avanços. Do lado israelense, o atual governo, do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, defende posições que os palestinos consideram inaceitáveis, como a continuidade e a ampliação dos **assentamentos israelenses na Cisjordânia**.

Desde 1967, Israel implanta colônias judaicas na Cisjordânia, onde hoje vivem cerca de 400 mil judeus em mais de cem assentamentos, em meio a 2,9 milhões de palestinos. Israel instalou também colônias judaicas no setor oriental de Jerusalém para justificar a soberania sobre a área.

Dessa forma, o governo israelense mantém a política de criar assentamentos nos territórios destinados ao futuro Estado palestino. Colonos israelenses instalam-se, expulsam os palestinos e formam povoações. Em 2005, Israel decidiu de forma unilateral retirar todos os 21 assentamentos existentes na Faixa de Gaza. Mas a presença judaica na Cisjordânia só tem aumentado.

Outra divergência é sobre o **status da cidade de Jerusalém**. Os palestinos defendem que a parte oriental da cidade, também ocupada pelos israelenses desde 1967, seja a capital de seu futuro Estado. Israel não aceita essa divisão, reivindicando a cidade inteira como a sua própria capital.

Ponto de honra para os árabes nas negociações é o **direito ao retorno dos palestinos expulsos de Israel e seus descendentes pelas guerras** de 1948 e dos Seis Dias (1967). O governo israelense não aceita sequer debater a sua volta, pois o eventual regresso colocaria em xeque a própria existência de Israel tal como é hoje.

São mais de 5 milhões de pessoas que vivem de forma precária em campos de refugiados superpovoados. Segundo a ONU, é o maior contingente de refugiados do mundo.

Os países árabes onde se situam os campos mal garantem o mínimo para sua sobrevivência. Os palestinos continuam reivindicando o retorno às antigas casas e a devolução de suas posses, mas Israel resiste em aceitar a ideia.

A questão demográfica preocupa o país, pois o número de palestinos residentes em Israel e nos territórios palestinos somados já ultrapassou o número de judeus israelenses.

Por fim, há a questão da **desmilitarização da Palestina**. Israel defende que o Estado palestino não possua Forças Armadas e que a segurança inicialmente seja feita pelas tropas israelenses até a transferência para a Otan – a aliança militar ocidental. A proposta não agrada aos palestinos.

Em 2012, a ONU concedeu à Palestina a condição de “Estado observador não membro”. Mais de 140 Estados, inclusive o Brasil, já reconhecem o Estado da Palestina.

Causou forte reação de Israel a histórica aprovação pelo Conselho de Segurança da ONU, em janeiro de 2017, da resolução que exige que Israel pare de construir colônias em territórios palestinos. O texto foi aprovado por 14 votos a favor.

2.5 Turquia

A Turquia está localizada entre a Europa e o Oriente Médio, posição que sempre lhe conferiu um papel estratégico e histórico relevante. O país foi o centro irradiador de poder dos impérios Bizantino (330–1453) e Otomano (1281–1918). O Islamismo é a religião de 99% da população.

Alçada à condição de grande potência emergente na última década, a Turquia atualmente enfrenta grandes desafios. O país tem sido alvo de atentados terroristas do Estado Islâmico e dos separatistas curdos; vive a tensão interna entre o secularismo e a islamização; a vizinha Síria está em guerra civil, onde na fronteira atua o Estado Islâmico e abriga milhões de refugiados sírios, que fugiram da guerra civil.

As bases da Turquia moderna começaram a ser estabelecidas com a dissolução do Império Otomano, após a derrota na I Guerra Mundial, em 1918. A crise política e econômica do pós-guerra deu origem a um movimento nacionalista liderado pelo general Mustafa Kemal, que adotou o codinome de "Ataturk", ou "pai dos turcos".

Ataturk aboliu o califado islâmico e separou a religião islâmica do Estado. Essa separação é chamada de secularismo. A medida provocou profundas alterações na estrutura social do país. As forças políticas acompanharam a polarização na sociedade e se dividiram entre aqueles que defendiam os valores seculares de Ataturk e os favoráveis a um papel maior da religião islâmica na vida pública.

O atual presidente, Recep Tayyip Erdogan, foi primeiro-ministro entre 2003 e 2014. Como presidente, Erdogan vem adotando uma agenda autoritária, retirando poderes do Judiciário, minando a influência dos militares no país e prendendo jornalistas críticos ao seu governo.

Nos últimos anos, as ações de Erdogan para ampliar o papel do islã na vida pública dividiram o país. De um lado, uma base de eleitores conservadores e defensores do islamismo garante suporte ao presidente. Do outro, uma classe média ocidentalizada rejeita a guinada autoritária e religiosa de Erdogan.

Como guardiões do secularismo, os militares derrubaram sucessivos governantes que tinham um perfil mais religioso, nos anos de 1960, 1971, 1980 e 1997. Essa divisão da sociedade e da política e o histórico papel do exército na defesa do secularismo ajudam a entender a tentativa de golpe militar de julho de 2016. Setores leais ao presidente Erdogan frustraram a investida dos militares de tomar o poder.

Em referendo, realizado em abril de 2017, a Turquia aprovou a substituição do sistema parlamentarista pelo presidencialista. A mudança valerá

a partir de 2019. Por meio dela, Erdogan poderá concorrer a presidente e ficar no poder até 2026, concentrando os poderes de chefe de estado e chefe de governo.

A Turquia participa da coalizão liderada pelos Estados Unidos que combate o Estado Islâmico na Síria e no Iraque. Além de fazer bombardeios aéreos em áreas dominadas pelo grupo extremista, o governo turco permite que os aviões americanos usem suas bases aéreas para atacar alvos na Síria. Os atentados terroristas do Estado Islâmico seriam uma reação ao envolvimento turco no combate ao grupo.

Os curdos, maior etnia do mundo sem pátria, habitam o leste do país e lutam pela independência do seu território. O principal grupo separatista é o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), que iniciou a luta armada em 1984. Com o tempo, passaram a exigir apenas mais autonomia nas regiões onde vivem, e as negociações levaram a um cessar-fogo em 2013. Este foi rompido em 2015; o governo turco tem atacado alvos dos curdos na Síria, no Iraque e na Turquia.

A Turquia também é uma das principais portas de entrada de imigrantes e refugiados (especialmente sírios) na Europa. Em março de 2016, a União Europeia aprovou um acordo com o governo turco para conter o fluxo de imigrantes ilegais.

Desde 2015, vários atentados terroristas foram executados em Istambul e Ancara. Os atentados são atribuídos a dois inimigos do país: o grupo terrorista Estado Islâmico e militantes curdos do PKK.

3. O Terrorismo

O **terrorismo** é uso de violência física ou psicológica, através de ataques localizados a elementos ou instalações de um governo ou da população governada, de modo a incutir medo, terror, e assim obter efeitos psicológicos que ultrapassem largamente o círculo das vítimas, alargando-se para a população do território.

Contudo, não há uma definição ou conceito único de terrorismo. A Organização das Nações Unidas (ONU), por exemplo, define o terrorismo seguinte forma:

“Atos criminosos pretendidos ou calculados para provocar um estado de terror no público em geral [...]”

(Declaração sobre Medidas para Eliminar o Terrorismo Internacional - Resolução 49/60 da Assembleia Geral)

Dessa forma, de acordo com a definição ONU, para que se possa diferenciar uma ação terrorista de outras ações violentas, é preciso analisar o contexto geral em que tal ação foi tomada. Geralmente, terroristas não têm como fim atingir as vítimas diretas de seus ataques. O que realmente importa é que o ato seja chocante o suficiente para aterrorizar o resto da sociedade, movimentando a imprensa, as redes sociais e os órgãos governamentais.

No fim das contas, um ato terrorista serve como uma vitrine para grupos terroristas se promoverem, mostrarem força e desafiarem seus inimigos. O grupo terrorista consegue dessa forma chamar atenção para suas causas políticas, que geralmente são bastante radicais.

De maneira semelhante, o governo dos Estados Unidos também traz uma definição explícita do que considera terrorismo: “[...] violência premeditada e politicamente motivada, perpetrada contra alvos não-combatentes e praticada por grupos ou agentes clandestinos, normalmente com a intenção de influenciar um público”. Ou seja, os ataques terroristas teriam alguns fatores em comum, que seriam:

Premeditação: são planejados previamente pelos seus perpetradores;

Fim político: o grupo pretende causar algum efeito político, como motivar governantes a fazer ou deixar de fazer alguma coisa;

Vítimas são civis: atos terroristas não acontecem em campo de batalha, onde conflito e violência já são esperados; o terrorismo ocorre de maneira inadvertida em espaços públicos de grande circulação (prédios, praças, shoppings, voos comerciais, aeroportos, boates, etc);

Grupos são clandestinos: os grupos políticos que realizam ataques terroristas existem sem reconhecimento e respaldo legal: não são partidos políticos, entidades governamentais, intergovernamentais. Normalmente são grupos que procuram justamente derrubar governos ou até mesmo a ordem internacional;

Objetivo é obter audiência: o ato terrorista serve tanto para aterrorizar a população, quanto para convencer outras a aderir às causas do grupo (o Estado Islâmico, por exemplo, tem conquistado novos adeptos ao longo do tempo, até mesmo em países ocidentais).

Outra forma de terrorismo é o **terrorismo de Estado**, que consiste em um regime de violência instaurado por um governo, em que o grupo político que detém o poder se utiliza do terror como instrumento de governabilidade. Caracteriza-se pelo uso da máquina de repressão do Estado como organização criminosa, restringindo os direitos humanos e as liberdades individuais.

Na segunda metade do século XX, em muitos países da América Latina, chegaram ao poder ditaduras militares que estabeleceram regimes de exceção com restrições democráticas aos direitos humanos e às liberdades individuais. Contra esses regimes, levantaram-se oposições civis e grupos armados. Como método de dissuasão e combate às oposições, os regimes autoritários muitas vezes se utilizaram do terrorismo de Estado. Alguns especialistas apresentam como exemplo de terrorismo de Estado, a atuação do DOPS durante a ditadura militar brasileira, cuja tortura e acúmulo sistemático de informações sobre cidadãos considerados suspeitos de subversão potencializou um processo de terror.

Por outro lado, a segunda metade do século XX também foi pródiga no surgimento e atuação de grupos guerrilheiros e terroristas na América Latina que se utilizavam de métodos violentos para o enfrentamento aos governos que se opunham. Na sua ação, muitos se utilizaram de atos terroristas como sequestros, assassinatos e atentados à bomba.

Historicamente, atos que seriam tidos como terroristas foram considerados heroicos quando associados à luta contra a opressão ou pela libertação nacional. É o caso da Resistência Francesa, que lutou contra a ocupação nazista na II Guerra Mundial (1939-1945).

4. O crime organizado

Crime organizado é toda organização cujas atividades são destinadas a obter poder e lucro, transgredindo a lei das autoridades locais. Entre as formas de sustento do crime organizado encontram-se o tráfico de drogas, os jogos de azar e a compra de “proteção”, como acontece com a Máfia italiana.

Em cada país, as facções do crime organizado costumam receber um nome próprio. Assim, costuma-se chamar de Máfia o crime organizado italiano e ítalo-americano; Tríade, o chinês; Yakuza, o japonês; Cartel, o colombiano e mexicano e Bratva, o russo e ucraniano. A versão brasileira mais próxima disso são os Comandos, facções criminosas sustentadas pelo tráfico de drogas e sequestros.

Seja qual for a atividade à qual o crime organizado se dedique, este sempre enfrentará, além do combate das forças policiais de sua região de atuação, a oposição de outras facções ilegais. Para manter suas ações ilícitas, os membros de organizações criminosas armam-se pesadamente, logo pode-se dizer que as armas – e os assassinatos – são o sustentáculo do crime organizado.

Após o fim da Guerra Fria e a queda do comunismo, o crime organizado se reconfigurou em nível internacional. As grandes organizações criminosas se

diversificaram, algumas se uniram ou passaram a atuar em parceria. A globalização e o uso da moderna tecnologia e telecomunicações expandiram e enriqueceram tremendamente o crime organizado internacional.

De acordo com dados do Escritório da ONU contra Drogas e Crimes, o comércio ilegal do crime organizado registra ganhos anuais de mais de US\$ 2 trilhões. O número é alto, porém é apenas uma estimativa, dada a natureza ilegal do que está sendo analisado. Esse número equivale a cerca de 3,6% de tudo o que se produz e é consumido no planeta em um ano.

O último relatório do Fórum Econômico Mundial fez uma estimativa menor – mais de US\$ 1 trilhão – com base em uma pesquisa de 2011 feita pelo Global Financial Integrity (GFI), um centro de estudos de Washington.

O GFI elaborou seu relatório a partir de 12 atividades ilegais, e as cinco primeiras são estas:

1º Narcotráfico: US\$ 320 bilhões

2º Falsificação: US\$ 250 bilhões

3º Tráfico humano: US\$ 31,6 bilhões

4º Tráfico ilegal de petróleo: US\$ 10,8 bilhões

5º Tráfico de vida selvagem: US\$ 10 bilhões

Se juntarmos a essas cifras os ganhos com outras atividades criminosas (desde o tráfico de órgãos até a venda de obras de arte), a soma chega a US\$ 650 bilhões. E se levarmos em conta que a maioria das transações são feitas em dinheiro vivo, a lavagem de dinheiro se transforma em um grande negócio que explica a soma total de mais de US\$ 1 trilhão citada pelo Fórum Econômico Mundial.

VEJA COMO TEMAS DESTA AULA FORAM COBRADOS EM PROVAS**CESPE/DPF/AGENTE DE POLÍCIA FEDERAL****APLICAÇÃO EM 21/12/2014**

Um relatório do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas constatou que 15 mil pessoas viajaram à Síria e ao Iraque para combater pelo Estado Islâmico e por grupos extremistas semelhantes. De acordo com o relatório, essas pessoas saíram de mais de 80 países, o que inclui um grupo de países que não havia enfrentado desafios anteriores com relação à Al Qaeda. Os números reforçam recentes estimativas dos serviços de inteligência dos Estados Unidos da América sobre o escopo do problema dos combatentes estrangeiros, que, conforme o relatório, se agravou apesar das ações agressivas das forças antiterroristas e das redes mundiais de vigilância. Os números referentes ao período iniciado em 2010 são superiores aos números referentes ao total de combatentes estrangeiros nas fileiras terroristas entre 1990 e 2010 — e continuam crescendo.

Folha de S.Paulo, 1.º/11/2014, p. 10, caderno Mundo 2 (com adaptações).

Considerando que o fragmento de texto acima tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo acerca do tema a seguir.

A CIVILIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA E O TERRORISMO

Ao elaborar seu texto, aborde, necessariamente, os seguintes aspectos:

- > o 11 de Setembro de 2001 e a nova escalada terrorista; **[valor: 4,00 pontos]**
- > o Estado Islâmico: intolerância e agressividade; **[valor: 4,00 pontos]**
- > a reação mundial ao terrorismo. **[valor: 4,00 pontos]**

PADRÃO DE RESPOSTA DEFINITIVO:

Espera-se que, relativamente ao primeiro aspecto (O 11 de setembro de 2001 e a nova escalada terrorista), o candidato mencione o impacto causado em todo o mundo pela ação do terror (Al Qaeda) em território norte-americano, atingindo o prédio do Pentágono, em Washington, e destruindo por completo as torres do World Trade Center, em Nova Iorque. A pronta e vigorosa reação dos EUA (governo Bush) alterou a legislação do país, com algum tipo de cerceamento das

liberdades, e se estendeu por várias partes do mundo, a começar pela identificação de países considerados fontes permanentes de ações agressivas contra os EUA, definidos como “Eixo do Mal”. Em verdade, o 11 de setembro de 2001 deu inédita visibilidade ao **terrorismo impulsionado pelo fanatismo religioso**, que se manifestou em outros locais, como, por exemplo, Londres e Madri. Quanto ao segundo aspecto (Estado Islâmico: intolerância e agressividade), o candidato poderá destacar a intenção do grupo de instituir um califado muçulmano, com a conquista de territórios hoje integrantes da Síria e do Iraque, sua absoluta subordinação a uma **visão estreita e radical do islã**, além da chocante violência de seus atos, como a decapitação de prisioneiros, em cenas gravadas e divulgadas pelo mundo afora. Outro direcionamento para o segundo aspecto é o aliciamento de jovens para a luta armada por meio das redes sociais, por exemplo. Por fim, o terceiro aspecto a ser focalizado (A reação mundial ao terrorismo) deverá levar o candidato a se referir às **manifestações da opinião pública mundial, que tende a repudiar maciçamente atitudes dessa natureza**, à **ação de organismos internacionais** (como a citada ONU) e à **reação objetiva de muitos países** (particularmente os ocidentais, à frente os EUA), **agindo civil e militarmente** para frear a ação terrorista. Além disso, ao abordar os aspectos citados no comando da prova, espera-se que o candidato mencione o interesse econômico subjacente às atividades terroristas, o que decorre sobretudo do interesse por fontes naturais, tais como petróleo e gás natural.

COMENTÁRIOS DO PROFESSOR:

O segundo semestre de 2014 viu uma rápida ascensão do Estado Islâmico. A organização terrorista havia proclamado o califado islâmico, conquistava territórios e barbarizava o mundo com os seus métodos e práticas extremamente cruéis.

O mundo conhecia um novo patamar de terrorismo. O Estado Islâmico aparecia em todos os noticiários.

Nessa questão, a banca cobrou conhecimentos do candidato sobre como se processou a luta contra o terrorismo após os atentados de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, conhecimentos sobre o Estado Islâmico e a reação mundial ao terrorismo.

Importante destacar o entendimento do examinador, de que o terrorismo impulsionado pelo fanatismo religioso está associado a uma visão estreita e radical do Islamismo. Ou seja, não se pode fazer uma associação mecânica entre o Islã e o terrorismo. Será incorreto um argumento nesse sentido.

Uma característica da banca é valorizar o papel da sociedade civil. Isso está expresso no padrão de resposta do terceiro quesito: a reação mundial ao terrorismo. “As manifestações da opinião pública mundial.” Para a banca, a sociedade participante tem um papel fundamental na solução dos grandes problemas mundiais.

Prossegue a banca na sua visão de como solucionar problemas internacionais: a ação de organismos internacionais e a ação dos países, no caso dessa redação, a reação de países agindo civil e militarmente.

Sintetizando: a solução de problemas internacionais passa pela ação de organismos internacionais, agindo de forma **cooperativa**; a ação de países, de forma **coordenada** e **solidária** e a participação da sociedade civil internacional.

CESPE/TCE PA/AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO

APLICAÇÃO EM 7/08/2016

Um atentado com atiradores e homens-bomba matou mais de 40 pessoas e feriu outras 239 no Aeroporto Kemal Ataturk, o principal terminal aéreo da Turquia, no episódio mais recente dos ataques extremistas que atingem o país desde o ano passado. A polícia turca afirmou que, segundo investigações preliminares, o Estado Islâmico arquitetou o ataque. Autoridades europeias condenaram a violência. Este é o mais recente ato de uma longa série de ações armadas com que tanto os jihadistas do Estado Islâmico como os nacionalistas curdos de vários grupos armados provocaram mais de 250 mortos durante o último ano.

Internet: <<http://brasil.elpais.com>> e <www.estadao.com.br>, 28/6/2016 (com adaptações).

Considerando que o fragmento de texto acima tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo acerca do seguinte tema.

A CIVILIZAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE: O TERRORISMO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Ao elaborar seu texto, aborde os seguintes aspectos:

1 intolerância como uma das motivações das ações terroristas; **[valor: 3,00 pontos]**

2 instrumentos para o combate ao terrorismo; **[valor: 3,50 pontos]**

3 democracia como meio de contenção das práticas terroristas. **[valor: 3,00 pontos]**

PADRÃO DE RESPOSTA DEFINITIVO:

1 Para discorrer sobre o primeiro aspecto a ser abordado (“**Intolerância** como uma das motivações para as ações terroristas”), espera-se que o candidato parta do pressuposto de que o terrorismo, por definição e por sua própria natureza, não aceita o contrário e, em vez de assumir o confronto de ideias, parte para a eliminação do adversário, considerado inimigo irreconciliável. A organização mencionada no texto, o autodenominado Estado Islâmico, exprime com perfeição a intolerância como sustentáculo de sua existência. A partir de uma visão estreita, radical e violenta da religião que professam, seus integrantes fazem do princípio de “guerra santa” a justificativa para seus atos de extrema desumanidade.

2 Quanto ao segundo aspecto proposto (“Instrumentos para o combate ao terrorismo”), espera-se que o candidato liste algumas atitudes a serem praticadas por **países que prezam os valores mais elevados da civilização**, a exemplo do uso rigoroso e firme de seus mecanismos legais de repressão, **sem que o estado de direito seja ferido de morte**; da **mobilização da opinião pública**, a refletir o posicionamento frontal da sociedade contra o terror; da **cooperação entre os países e organismos internacionais**, a fim de que esforços conjuntos, voltados ao aperfeiçoamento dos mecanismos de segurança e inteligência internacional, por exemplo, possam ter melhores condições de êxito contra o terrorismo.

3 Por fim, no que concerne ao terceiro aspecto (“**Democracia como antídoto** às práticas terroristas”), espera-se que o candidato seja capaz de identificar nos **regimes democráticos o caminho de salvação da própria vida civilizada no planeta**, na qual valores fundamentais e essenciais à vida social, em **liberdade** e sob o **império da lei**, sejam preservados.

COMENTÁRIOS DO PROFESSOR:

Intolerância, tema abordado no primeiro aspecto da prova. Já fica a dica: na prova, não postule por ideias que expressam a intolerância. A intolerância pode descambar para o desrespeito aos direitos humanos. Intolerância é uma atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar diferenças em crenças e opiniões. Claro que a tolerância deve se dar nos marcos do respeito aos direitos humanos e do Estado democrático de direito.

Transcrevo trecho do padrão de resposta que traz a visão da banca sobre a intolerância: espera-se que o candidato parta do pressuposto de que o terrorismo, por definição e por sua própria natureza, *não aceita o contrário e, em vez de assumir o confronto de ideias, parte para a eliminação do adversário, considerado inimigo irreconciliável.*

No segundo aspecto, a banca traz a sua visão sobre os instrumentos de combate ao terrorismo, atitudes praticadas por *países que prezem pelos valores mais elevados da civilização*. Cita, como exemplo, “o uso rigoroso e firme de seus mecanismos legais de repressão”. Ou seja, a banca não nega e defende o uso de mecanismos legais de repressão. Legais, nos termos da lei. No entanto, o uso desses mecanismos não pode ferir de morte o estado de direito. Outro instrumento apontado pela banca é a mobilização da opinião pública. Ou seja, a participação da sociedade na solução dos problemas mundiais. Por fim, o papel dos países e organismos internacionais na luta contra o terrorismo, por meio da cooperação.

No terceiro aspecto, a banca já traz o seu posicionamento, sobre o qual o candidato deve dissertar (a “democracia como antídoto às práticas terroristas”). Não é o fechamento das fronteiras, o isolacionismo, a recusa em acolher refugiados o antídoto às práticas terroristas. Mas, sim, os regimes democráticos, essa construção moderna da humanidade, no sentido de que a democracia pode propiciar o cultivo e a preservação de valores de vida social, de liberdade e do direito.

CESPE/POLÍCIA CIENTÍFICA PE/PERITO

APLICAÇÃO EM 12/06/2016

No mesmo dia em que o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou, por unanimidade, uma resolução em que se exigia proteção para hospitais em zonas de conflito, um novo ataque, desta vez de rebeldes, atingiu uma maternidade situada em área controlada pelo governo sírio em Aleppo. De fato, a aprovação levanta uma questão embaraçosa: como esperar que os países cumpram a resolução se eles próprios são, algumas vezes, autores dos ataques? Diante de representantes das potências com poder de veto — Estados Unidos, França, Reino Unido, Rússia e China —, a presidente da organização não governamental Médicos Sem Fronteiras (MSF) apelou para que o conselho dê o exemplo e acusou quatro dos cinco países por bombardeios a hospitais.

O Globo, 4/5/2016, p. 28 (com adaptações).

Considerando que o fragmento de texto acima tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo acerca do seguinte tema.

ATAQUES DIRETOS E INTENCIONAIS A HOSPITAIS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: CRIMES DE GUERRA

Ao elaborar seu texto, aborde os seguintes aspectos:

- 1 guerra civil na Síria: símbolo de um mundo em ebulição; **[valor: 6,50 pontos]**
- 2 ataques a hospitais e as diversas faces do terrorismo; **[valor: 6,50 pontos]**
- 3 ação internacional no combate aos crimes de guerra. **[valor: 6,00 pontos]**

PADRÃO DE RESPOSTA DEFINITIVO:

Espera-se que o candidato, ao discorrer sobre o primeiro aspecto proposto (“guerra civil na Síria: símbolo de um mundo em ebulição”), lembre que o mencionado país situa-se em **uma das mais tensas regiões do mundo contemporâneo, o Oriente Médio**, onde os mais diversos interesses se chocam. Assim, além das questões internas, como o choque de facções religiosas, a ação de grupos terroristas, a insurreição de minorias étnicas e a presença de um contestado governo identificado como ditatorial, a ação militar externa amplia o cenário de horror vivido pelo país, responsável pela fuga em massa da população civil. Quanto ao segundo aspecto (“ataques a hospitais e as diversas faces do terrorismo”), o candidato pode destacar a desumanidade intrínseca que move as ações de tropas oficiais, de outros países e dos grupos terroristas, em flagrante desrespeito às mais elementares normas que devem estar presentes mesmo em situação de guerra. No caso específico da Síria, a própria organização não governamental citada no texto acusa países poderosos, integrantes do Conselho de Segurança da ONU, de também atingirem alvos civis, como hospitais, em atitude que em nada fica a dever ao terrorismo. Por fim, relativamente ao terceiro aspecto a ser focalizado (“ação internacional no combate aos crimes de guerra”), o candidato poderá abordar os limites que a realidade dos fatos impõe a decisões políticas, como a resolução do conselho a que o texto alude, mas também poderá salientar o **papel da opinião pública mundial para levar os respectivos governos a tomar atitudes** que eliminem ou reduzam esse tipo de crime de guerra.

COMENTÁRIOS DO PROFESSOR:

Para elaborar a sua resposta, o candidato tinha que ter conhecimentos sobre a guerra civil na Síria. O padrão de resposta orienta o candidato a citar que a Síria está localizada no Oriente Médio, uma das mais tensas regiões do mundo contemporâneo. O Oriente Médio é um caldeirão em frequente ebulição. Na atualidade, além da guerra civil na Síria, recrudesce a disputa pela hegemonia regional entre Irã e Arábia Saudita, a Turquia é alvo de atentados terroristas e o Iêmen está em uma guerra interna semiesquecida pela comunidade internacional. Além disso, há o longo impasse entre Israel e a Palestina, que já dura quase 80 anos.

Algumas semanas antes da prova, ataques a hospitais colocaram em relevo uma das facetas dessa brutal guerra civil, evidenciando o desrespeito a normas internacionais limitadoras das brutalidades das guerras. O segundo aspecto cobrou um conhecimento pontual daquele momento do conflito.

O terceiro aspecto propõe ao candidato que aborde os limites à aplicação de decisões de organismos internacionais. A ONU tem sido bastante criticada por não conseguir encaminhar soluções para conflitos armados, como a guerra na Síria. Observo que a banca volta ao tema da participação da sociedade internacional ao salientar “o papel da opinião pública mundial para levar os respectivos governos a tomar atitudes que eliminem ou reduzam esse tipo de crime de guerra”.

ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE: PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.



1 Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.



2 Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).



3 Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).



4 Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).



5 Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).



6 Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).



7 Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.



8 O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.



Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.